


Pelos nossos olhos: uma experiência de leitura literária afrocentrada


Through Our Eyes: An Afrocentric Approach to Literary Reading

A Través de Nuestros Ojos: Una Aproximación Afrocentrista a la Lectura Literaria


Karla Daniele de Souza Araújo¹

 0000-0003-4721-9715

Edmilson Pereira dos Santos²

 0009-0000-9458-1296

Gabriela Lins Falcão³

 0009-0000-9458-1296

RESUMO: O artigo tem como objetivo relatar e analisar uma experiência pedagógica de leitura literária afrocentrada e antirracista, desenvolvida no IFPE, *Campus* Recife, em parceria com o Museu da Abolição. O referencial teórico apoia-se em autores como Cuti (2010), Bernd (1988) e Dalcastagnè (2005, 2008), para discutir o apagamento de vozes negras no cânone literário brasileiro e a necessidade de inserção da literatura afrodiaspórica no ambiente escolar. A metodologia consistiu em um projeto de leitura no Ensino Médio Integrado, no qual os estudantes escolheram, dentre uma lista diversificada de autoras/es negros, obras de diferentes gêneros, países e períodos. O *corpus* constituiu-se das produções artísticas realizadas pelos discentes a partir das leituras, culminando na exposição coletiva *Pelos nossos olhos*, organizada no Museu da Abolição. Os resultados evidenciam que a escolha plural de obras e a mediação pedagógica ampliaram a relação dos estudantes com a literatura, favorecendo tanto a fruição estética quanto a reflexão crítica sobre identidade, racismo estrutural e narrativas contracoloniais. A parceria entre escola e museu mostrou-se decisiva para a ressignificação da leitura obrigatória, para a valorização da autoria negra e para a formação de sujeitos leitores engajados e críticos.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de literatura; Literatura negra; Educação museal afrocentrada.

ABSTRACT: This article aims to report and analyze a pedagogical experience of Afrocentric and anti-racist literary reading, developed at IFPE, Recife Campus, in partnership with the Museu da Abolição. The theoretical framework draws on authors such as Cuti (2010), Bernd (1988), and Dalcastagnè (2005, 2008), addressing the erasure of Black voices in the

¹ Doutora em Letras e Linguística. IFPE *Campus* Recife. E-mail: karlaaraujo@recife.ifpe.edu.br

² Mestre em Ciências da Educação. Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro. E-mail: edmilson.santos@museus.gov.br

³ Doutora em Educação. IFPE *Campus* Recife. E-mail: gabrielafalcao@recife.ifpe.edu.br

Brazilian literary canon and the need to integrate Afro-diasporic literature into the school environment. The methodology consisted of a reading project in Integrated High School, in which students selected, from a diverse list of Black authors, works of different genres, countries, and periods. The corpus consisted of artistic productions created by students based on the readings, culminating in the collective exhibition *Pelos nossos olhos*, organized at the Museu da Abolição. Results show that the plural choice of works and pedagogical mediation enhanced students' engagement with literature, fostering both aesthetic enjoyment and critical reflection on identity, structural racism, and counter-colonial narratives. The school-museum partnership proved decisive for rethinking mandatory reading, valuing Black authorship, and developing engaged and critical readers.

KEYWORDS: Literature teaching; Black literature; Afrocentric museum education.

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo relatar y analizar una experiencia pedagógica de lectura literaria afrocentrista y antirracista, desarrollada en el IFPE, Campus Recife, en colaboración con el *Museu da Abolição*. El marco teórico se apoya en autores como Cuti (2010), Bernd (1988) y Dalcastagnè (2008, 2005), para discutir la invisibilización de voces negras en el canon literario brasileño y la necesidad de integrar la literatura afrodiáspórica en el entorno escolar. La metodología consistió en un proyecto de lectura en la Enseñanza Media Integrada, en que los estudiantes eligieron, de una lista diversa de autores/as negros/as, obras de diferentes géneros, países y períodos. El corpus se constituyó por las producciones artísticas realizadas por los alumnos a partir de las lecturas, culminando en la exposición colectiva *Pelos nossos olhos*, organizada en el *Museu da Abolição*. Los resultados evidencian que la elección plural de obras y la mediación pedagógica ampliaron la relación de los estudiantes con la literatura, favoreciendo tanto el disfrute estético como la reflexión crítica sobre identidad, racismo estructural y narrativas contracoloniales. La colaboración entre escuela y museo resultó decisiva para resignificar la lectura obligatoria, valorar la autoría negra y formar lectores comprometidos y críticos.

PALABRAS CLAVE: Enseñanza de la literatura; Literatura negra; Educación museal afrocentrista.

Introdução

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada (Adichie, 2019, p. 16)

Seguimos a ideia da romancista nigeriana Chimamanda Adichie, ao dizer que as histórias importam, e ainda que tenham sido muitas vezes usadas para espoliar e caluniar, podem também empoderar e humanizar; para tanto precisam ser lidas, contadas, discutidas, sendo a sala de aula um lugar privilegiado para isso. Essa perspectiva nos coloca, como professoras, na encruzilhada em que se encontram a

literatura e a pedagogia antirracista, abrindo espaço para um enfrentamento necessário.

As reflexões que trazemos nesse artigo são, portanto, fruto de uma experiência pedagógica de leitura literária dentro de uma perspectiva de Educação Afrocentrada e Antirracista. Ainda que não duvidemos do poder na literatura, no sentido de que fala Chimamanda, nos deparamos, em sala de aula, com desafios de diversas ordens, tais como engajar os estudantes no processo de escolha e leitura de livros, propor uma mediação que não perca de vista a fruição nem esvazie a construção de uma relação autêntica entre leitor e obra.

Com essas e outras questões em mente, desenvolvemos um trabalho com estudantes do Ensino Médio Integrado do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE), *Campus Recife*, em parceria com o Museu da Abolição (MAB), localizado no Bairro da Madalena, em Recife, Pernambuco. Sendo um trabalho que se estendeu para além dos muros da escola, consideramos que ele ganha lastro por se apoiar em um espaço cultural afrorreferenciado, conectando as atividades de leitura com reflexões sobre relações raciais e narrativas contracoloniais.

As atividades desenvolvidas com o grupo de estudantes tomaram as diretrizes orientadoras da Lei nº 10.639/2003, direcionada ao estudo da História e Cultura Afro-brasileira e Africana, como pilares. Basearam-se ainda nos princípios da igualdade e da não discriminação sustentados pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, em consonância com a implementação dos objetivos e estratégias da Década Internacional para Pessoas Afrodescendentes, agenda proposta pela ONU para os anos 2015-2024. Lembramos que a lei brasileira já citada, de caráter mandatório, em 2025 completou 22 anos; e a Declaração Universal passa dos 75 anos de sua existência.

Ao longo desse percurso, no entanto, a avaliação de especialistas e educadores tem sido que mais do que celebrar a existência de dispositivos legais e tratados internacionais, urge atentar para a efetividade de sua aplicação no interior das escolas e equipamentos culturais, considerando a complexidade de bases históricas e sociais, forjadas na heterogeneidade e nas desigualdades que

permeiam, também, os sistemas educacionais brasileiros. Rocha (2015), em dissertação sobre o tema, analisou - há 10 anos - como precária a implementação da Lei nº 10.639/2003 na Rede Federal de Educação Profissional Científica e Tecnológica (RFEPCT), na qual se insere o IFPE. O trabalho aqui apresentado faz parte do esforço de reverter esse quadro.

Na primeira seção deste artigo, discutiremos a importância da Literatura Afrocentrada nas escolas, descrevendo também as atividades realizadas dentro das aulas de Língua Portuguesa pelas professoras participantes, incluindo o processo de escolha dos livros e planejamento dos projetos de leitura. Na segunda seção, apresentamos o Museu da Abolição e como se tornou espaço de encontro com a comunidade do IFPE, abrindo as portas para a exposição “Pelos nossos olhos”, culminância do trabalho de leitura que começou em sala de aula.

Literatura afrodiaspórica como missão: o trabalho de valorização e promoção de uma literatura afrocentrada em sala de aula

Para Raawiya (2022, p. 8), o desconhecimento sobre a cultura de povos da diáspora africana, principalmente sobre as vivências de antes da escravização colonial, é um esforço intencional de deseducar a população, “com o objetivo de que nunca saibam quem foram, e assim se tornem incapazes de acessarem o poder que está na verdade de saber quem realmente são”. Essa crítica encontra respaldo na própria estrutura do cânone literário e no mercado editorial brasileiros: a obra de escritores e escritoras negros e negras do Brasil e de outros países ainda é pouco estudada no ensino básico, ou foi vista por muito tempo sob o ponto de vista do embranquecimento, como é o caso de Machado de Assis. Sobre a oferta de publicações de autoria negra, a longa pesquisa realizada por Dalcastagné (2008) sobre o assunto mostra que, num universo de 258 romances brasileiros contemporâneos pesquisados entre as 3 maiores editoras do país, 93,9% dos autores publicados eram brancos.

Esse recorte racial tem consequências estéticas e políticas. No plano estético, percebe-se que autores brancos criam personagens brancos, o que propicia um rol

de experiências discursivas e sociais bastante restrito, mesmo no universo ficcional. Não por coincidência, nos livros analisados pela pesquisadora, os negros são apenas 7,9% das personagens, sendo 5,8% dos protagonistas e 2,7% dos narradores. Acrescentando o recorte de gênero, mulheres negras mal aparecem. Pesquisa anterior da mesma autora identifica que, entre 1990 e 2004, as ocupações identificadas para os personagens negros eram: bandido, empregada doméstica, escravo, profissional do sexo e dona de casa (Dalcastagné, 2005).

Em termos políticos, no seu sentido mais amplo, podemos pensar sobre como esse cenário indica uma articulação ideológica, revelando um racismo que não se direciona especificamente a um sujeito individual, mas fortalece um sistema inteiro de desigualdades, negação de identidade e de direitos. Em um país ainda de poucos leitores, e de cada vez menos (Brasil, 2024), essa estrutura afasta uma parcela inteira da população de perceber-se como público leitor, como protagonista e narrador de histórias, aprisionada em estereótipos de subalternidade e marginalização.

Pode-se dizer que, aos poucos, o cenário vem mudando, com a presença de obras de autoria negra nos principais vestibulares do país⁴ (o que, de certa forma, pressiona e reinventa o cânone), políticas de inclusão e diversidade dentro das editoras⁵, assim como o crescimento de editoras especializadas em publicar livros de autoria negra, como a Malê e a Kitembo.

Assim sendo, adotamos aqui a ideia de que ler literatura negra é uma prática de responsabilização, reflexão e combate ao racismo, que precisa ser assumida de modo sistêmico no ambiente escolar, em respeito, inclusive, à já mencionada Lei 10.639/2003, que trata do ensino das relações étnico-raciais.

O conceito de literatura negra se fortaleceu em meados do século XX no Brasil, criando tensão com conceitos e valores hegemônicos vigentes na sociedade, inclusive o da identidade nacional homogênea (Cutti, 2010). Entende-se literatura negra como um campo/área dentro da literatura em que o sujeito de escrita é o próprio negro, que cria suas narrativas, suas personagens, seus pontos de vista, a

⁴ Livros [...], (2023).

⁵ Gabriel e Barbosa, (2020).

partir de suas vivências, sentimentos ou subjetividades, com o intuito de demonstrar seus posicionamentos políticos e ideológicos (Bernd, 1988). Há, portanto, um critério discursivo que caracteriza e conceitua uma vertente literária, em paralelo a peculiaridades sócio-históricas, o que leva a recortes específicos, como o Negrismo Crioulo de Cuba, a Negritude de Paris ou produção negro-brasileira⁶, por exemplo (Ferreira; Vitorino, 2021).

O trabalho que desencadeou esse relato nasceu da proposição de que estudantes do Ensino Médio Integrado do IFPE *Campus Recife*⁷ entrassem em contato, nas aulas de língua portuguesa, com livros de autoras/es negras/os, de diversos países, épocas e gêneros literários (ver Quadro 1). A ideia de diversificar as obras, dando opções sobre o que quer ler, substitui a leitura coletiva de um mesmo livro, muitas vezes identificada como “leitura de paradidático”. O intuito desse formato de atividade é criar um painel artístico plural e representativo, atendendo aos diferentes tipos de leitores que encontramos em sala de aula, todos dentro de um mesmo recorte temático, que, no caso em tela, foi justamente a literatura afrocentrada.

Tradicionalmente, os estudos literários no Ensino Médio incluem, por exemplo, a obra de Castro Alves e Lima Barreto, além do já citado Machado de Assis, para ficarmos no recorte de autores negros. Ao colocar esses nomes em fricção com autores/as contemporâneos/as, de outros países, de outros gêneros literários, consideramos que o/a estudante pode achar seus próprios caminhos para ressignificar uma literatura que não ficou estagnada no século XIX, mas que continua em diálogo com as questões atuais, encontra eco tanto nos contemporâneos quanto nas vivências do próprio sujeito leitor.

⁶ No caso do Brasil, o termo *literatura negro-brasileira*, enfaticamente defendido por Cuti (2010), convive com outros, como *literatura afrodiaspórica*, *afrocentrada*, *afrorreferenciada*, *afro-brasileira* ou ainda *literatura negra*. Ainda que cada uma dessas expressões seja atravessada por recortes teórico-metodológicos diferentes, vamos utilizá-las como sinônimos neste trabalho, sempre se referindo a obras de autoria negra.

⁷ O Ensino Médio Integrado é uma modalidade de ensino da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, que propõe a oferta do ensino médio atrelado à formação profissional, visando à formação omnilateral, baseada nos princípios do trabalho, cultura, ciência e tecnologia.

Quadro 1 - Obras disponíveis para escolha dos estudantes nas disciplinas de Língua Portuguesa 3 e 5⁸

Gênero	Título	Autoria	Ano	País
Não ficção	Pequeno manual antirracista	Djamila Ribeiro	2019	Brasil
	Estarão as prisões obsoletas?	Angela Davis	2003	EUA
Memórias/ Biografia	Nascido do crime	Trevor Noah	2020	África do Sul
	Quarto de despejo	Carolina Maria de Jesus	1960	Brasil
	Becos da memória	Conceição Evaristo	2006	
	Baratas	Scholastique Mukasonga	2018	Ruanda
	Em busca de mim	Viola Davis	2022	EUA
Contos	Redemoinho em dia quente	Jarid Arraes	2019	Brasil
Ficção	Cartas para minha mãe	Maria Teresa Cárdenas	2006	Cuba
	Kindered - Laços de sangue	Octavia Butler	1979	EUA
	O olho mais azul	Toni Morrison	1970	
	A cor púrpura	Alice Walker	1982	
	Hibisco roxo	Chimamanda Adichie	2003	Nigéria
	Meio sol amarelo	Chimamanda Adichie	2006	
	Fique comigo	Ayobami Adebayó	2017	
	Cidadã de 2ª classe	Buchi Emecheta	1974	
	O avesso da pele	Jeferson Tenório	2020	Brasil
	Solitária	Eliane Alves Cruz	2022	
	Torto arado	Itamar Vieira Jr	2019	
	Úrsula	Maria Firmina dos Reis	1859	
	HQ	Angola Janga	Marcelo D'Saete	2017
Poesia	O Navio Negreiro	Castro Alves	1880	Brasil

Fonte: Os autores.

Além da leitura da obra escolhida, os estudantes vivenciaram debates ao longo do semestre, eventos promovidos na Instituição em torno do tema e uma visita cultural ao Museu da Abolição. A atividade de culminância prevista dentro das disciplinas de Língua Portuguesa era uma apresentação, cujo formato deveria ser escolhido pelos/as discentes, em torno da experiência de leitura que tiveram. Alguns formatos escolhidos foram pintura, desenho, colagem, fotografia, escultura, poema, seminário, podcast, diário de leitura, resenha crítica, instalação artística, encenação, perfil no *Instagram*, *site* etc.

Essa variedade de propostas evidenciou alguns aspectos do processo didático: em primeiro lugar, indica que cada estudante, em sua individualidade, se expressa de maneira diferente, e, portanto, pode se sair melhor e ficar mais à vontade em um ou outro formato de avaliação, numa perspectiva formativa. Essa

⁸ As disciplinas oferecidas no *Campus Recife* para o Ensino Médio Integrado são semestrais. Língua Portuguesa 3 e 5 são vivenciadas pelos/as estudantes de 2o e 3o ano do Ensino Médio, respectivamente.

tem sido uma estratégia pedagógica importante para reconhecer esse sujeito como responsivo e ativo no processo de ensino-aprendizagem. Em segundo lugar, nos chama atenção a tendência da maioria dos trabalhos serem eles próprios construções artísticas, formatos que evidenciam a voz do/da discente como parte do processo de leitura e interpretação da obra, adicionando suas próprias camadas de sentido ao livro. Ou seja, ao criar uma aquarela ou uma colagem sobre a obra lida, a/o estudante se afasta de uma interpretação formal ou estruturalista da obra, dando protagonismo à sua própria leitura. Nesse ponto ganha corpo a dinâmica entre linguagem e realidade, no confronto e nos encontros com a vida vivida (Araújo; Silva; Freitas, 2022).

Os materiais produzidos pelos/as estudantes, pela autoria que expressam, passam a ser novos objetos artísticos, que criam suas próprias redes de leituras, ecoando em novos espaços, interagindo com novos interlocutores. Essa rede de diálogos produzida pelo projeto propiciou ao alunado desdobramentos como: interações *online* com autoras das obras originalmente lidas (Scholastique Mukasonga, Djamilia Ribeiro), veiculação na imprensa local e exposições dentro da própria escola, além da parceria com o Museu.

O trabalho realizado pelo Museu da Abolição na cidade do Recife veio ao encontro do que vínhamos desenvolvendo na escola, e é esse relato que trazemos na próxima sessão.

Museu da Abolição: um quilombo urbano que difunde educação afrocentrada na cidade do Recife

Localizado no bairro da Madalena, o Museu da Abolição, hoje considerado um espaço de aquilombamento e insurgência cultural, tem uma história de transformação na promoção da cultura na cidade do Recife. O Museu tem suas origens em meados dos anos 50, quando a elite política e setores da sociedade pernambucana reivindicavam um lugar para preservar e celebrar a memória de dois proeminentes líderes locais que muito influenciaram no jogo político do Império do

Brasil e na articulação do processo abolicionista: Joaquim Nabuco e João Alfredo⁹. Não à toa, suas portas foram abertas no dia 13 de maio de 1983, com a exposição *O Processo Abolicionista Através dos Textos Oficiais*. Ao idealizarem essas personagens históricas, as elites pernambucanas vangloriavam-se de si mesmas como forças políticas capazes de manterem-se no poder e dominarem a cena política regional. Nessa linha de pensamento, criou-se um local de memória, um espaço museológico para que as futuras gerações fossem “educadas” a partir daquela narrativa plena de força ideológica.

Hoje em dia, o Museu da Abolição adota a missão institucional de

preservar, pesquisar, divulgar, valorizar e difundir a memória, os valores históricos, artísticos e culturais, o patrimônio material e imaterial dos afro-descendentes, por meio de estímulo à reflexão e ao pensamento crítico, sobretudo quanto ao tema abolição, contribuindo para o fortalecimento da identidade e cidadania do povo brasileiro (Brasil, [2020]).

Percebe-se nesses objetivos uma tomada de posição sobre o papel social e cultural do Museu, ressignificando inclusive o processo de abolição que lhe dá nome, historicamente levado a cabo sem uma política de reparação e inclusão social das pessoas escravizadas. Dentro do seu desenho institucional, estão previstas ações específicas de cunho educativo, além do fortalecimento de atividades com foco na comunidade. O próprio documento norteador das ações educativas para o quinquênio foi construído coletivamente em 2022, com a participação de diversos setores da sociedade. Essa perspectiva vai de encontro à ideia de museu como um local de recolhimento de informações, um espaço silencioso e elitizado; valoriza o desenvolvimento de ideias, e propõe que o acervo e o material expográfico sejam vistos como oportunidade para leituras críticas e, ao mesmo tempo, lúdicas, daquilo que representam.

A abertura para construir projetos junto à comunidade possibilitou a formação de uma parceria com o IFPE em 2021, na forma do Clube do Livro MAB/IFPE, que tinha a proposta de ler literatura de autoria negra. A iniciativa foi desenvolvida na modalidade *online*, no contexto da pandemia de COVID-19, aberta a qualquer pessoa interessada em debater mensalmente um livro previamente divulgado nas

⁹ Ver a página oficial do Museu da Abolição em (Brasil, [2020]).

redes sociais do Museu. A experiência do Clube abriu as portas da Instituição para a culminância do projeto de leitura sobre literatura de autoria negra, que já vínhamos desenvolvendo em sala de aula.

Escola e Museu: uma parceria necessária para a promoção da educação afrocentrada na sociedade brasileira

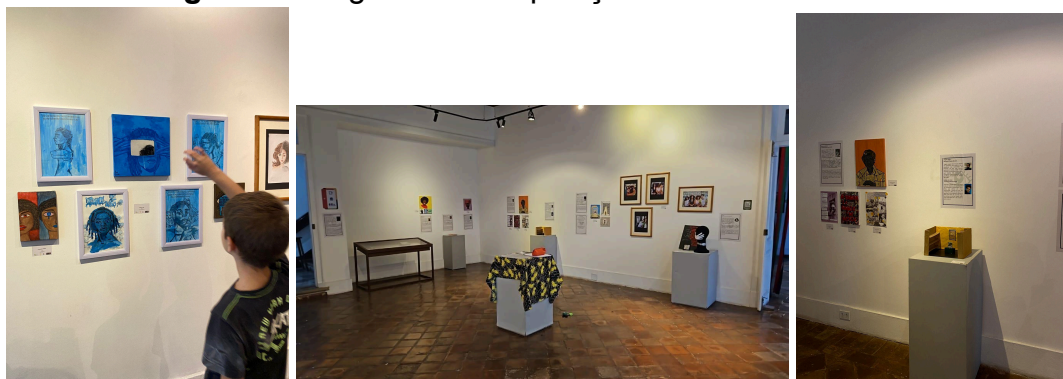
O trabalho construído em sala de aula em torno da literatura afrocentrada foi planejado visando não só ao cumprimento de uma ementa ou mesmo da legislação, mas à promoção de uma reflexão por parte das/os alunas/os sobre a diáspora africana, os princípios do (neo)colonialismo e sobre suas próprias identidades. Esse tom valorativo se fez presente nos trabalhos apresentados ao final das disciplinas, o que suscitou o desejo de organizar uma culminância que ultrapassasse a sala de aula e ecoasse em outros espaços sociais. Dessa forma, foram realizadas mostras no pátio e no *hall* da escola, com o intuito de socializar os artefatos produzidos pelos/as estudantes junto à comunidade acadêmica; e depois no próprio Museu da Abolição, quando nasceu a exposição coletiva “Pelos nossos olhos”.

Figura 1 – Card de divulgação da exposição Pelos nossos olhos



Fonte: Os autores.

Figura 2 - Registros da exposição Pelos nossos olhos



Fonte: Os autores

Para a exposição foram relacionados 27 trabalhos artísticos, incluindo fotografias, pinturas em tinta acrílica sobre papel e sobre tela, guache sobre tela, aquarela sobre papel, pôster impresso, colagem, lápis de cor sobre papel, técnica mista sobre papel e sobre tela, escultura, poemas e uma playlist de músicas selecionadas como trilha sonora da exposição. A expografia contou ainda com atividades para intervenções do público e um espaço de leitura, com tapete, almofadas e mesa lateral com alguns dos livros mencionados no projeto, doados por uma livraria local. A abertura do evento contou com a presença dos estudantes-autores, seus amigos e familiares, da direção do Museu, da equipe do IFPE e de visitantes espontâneos que visitavam o local. A exposição ficou em cartaz de agosto a dezembro de 2024, extrapolando, a pedido do Museu, o período inicialmente planejado, que seria de um mês.

De modo geral, a experiência ampliou o espaço da leitura literária na sala de aula, ressignificando a ideia de uma leitura obrigatória, às vezes enfadonha, que muitas vezes o estudante tenta driblar. A ideia de trazer uma lista variada em termos de gêneros literários, épocas, países de origem, temáticas, e até quanto ao tamanho da obra, facilitou a aproximação dos/as estudantes com os livros, criando um senso de identificação. Consideramos que essa aproximação foi decisiva para ampliar a experiência dos/das leitores/as tanto em termos de fruição do objeto literário quanto na dimensão social que atravessa as obras. Este último aspecto ganha relevo em alguns dos títulos, como no caso de *Nascido do crime*, obra do sul-africano Trevor

Noah, que tem o Apartheid como tema central; ou Baratas, de Scholastique Mukasonga, que aborda o genocídio em Ruanda.

A respeito disso, recorremos a Voloshinov e Bakhtin:

O artístico é uma forma especial de interrelação entre criador e contemplador fixada em uma obra de arte. A comunicação artística deriva da base comum a ela e a outras formas sociais, mas, ao mesmo tempo, ela retém, como todas as outras formas, sua própria singularidade; ela é um tipo especial de comunicação, possuindo uma forma própria peculiar. [...] Uma obra de arte, vista do lado de fora desta comunicação e independentemente dela, é simplesmente um artefato físico ou um exercício linguístico (Voloshinov; Bakhtin, 1976, p. 3).

Acompanhamos os autores na compreensão de que é na interação com o leitor que a obra de arte se manifesta, o que coloca a leitura literária na escola em perspectiva: deve abrir espaço para as especificidades literárias de cada obra, para as condições culturais e sociais que lhe atravessam; mas também para as impressões pessoais do corpo discente, que é atravessado por essa leitura. Entendemos, portanto, que leitura didatizada deve suscitar questões como: que reflexões ela despertou no/a estudante? Como contribuiu na sua formação? Que paralelos estabeleceu com suas experiências pessoais, com sua visão de mundo? Que críticas e reivindicações mobilizou no corpo social do qual ele faz parte? E quem pode responder a essas perguntas é o próprio sujeito leitor.

Vale destacar que o projeto não entra em conflito com uma abordagem historiográfica no ensino de literatura. As disciplinas em que foram desenvolvidas as atividades em tela, por exemplo, preveem o estudo do Romantismo (Língua portuguesa 3); do Pré-modernismo e 1ª Geração Modernista (Língua portuguesa 5). Obras e autores específicos desses períodos literários podem ser incluídos na lista de leitura (como no caso dos românticos Castro Alves e Maria Firmina dos Reis) ou podem ser colocados para dialogar com outros autores, em dinâmicas organizadas ao longo do semestre (uma leitura em sala do conto pré-modernista Dona Expedita, de Monteiro Lobato, interage em diversas frentes com o romance contemporâneo Solitária, de Eliane Alves Cruz, ambos voltados à questão do emprego doméstico no Brasil).

Sobre a avaliação da aprendizagem, entendemos que o projeto permitiu uma diversificação de estratégias, incluindo instrumentos tradicionais, como a prova e o seminário (para os/as estudantes que assim desejassem) e os já mencionados trabalhos artísticos. De modo geral, os depoimentos dos/das expositores/as indicaram que foram escolhidos os formatos de avaliação com que mais se identificavam, e que isso facilitou a expressão de suas individualidades. Uma estudante do 5o período, por exemplo, leu *O avesso da pele*, de Jeferson Tenório; *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo; e *Quarto de despejo*, de Carolina de Jesus; e misturou elementos dos três livros em uma sequência de quatro colagens, o que talvez fosse mais difícil de estruturar numa prova ou em outro gênero da modalidade escrita da língua, segundo seu relato. A combinação dessas leituras soou de maneira única nessa estudante, gerando também um texto multimodal único e que ela teve a possibilidade de lançar não só à professora e aos colegas, mas às centenas de visitantes da exposição.

Considerações finais

O relato que trazemos buscou reviver uma experiência exitosa de estudantes do Ensino Médio Integrado do Instituto Federal de Pernambuco, *Campus Recife*, em parceria com uma instituição museológica, cuja missão é valorizar, promover e divulgar a cultura afrobrasileira, o Museu da Abolição, no Recife.

A experiência deu asas à imaginação dessas/desses estudantes, que, estimulados pela literatura afrodiaspórica, pela arte, pela cultura e pelas múltiplas histórias e mitos que (re)elaboram uma perspectiva positiva e assertiva de suas identidades étnicas, puderam e quiseram elas/eles mesmos se constituírem também como produtoras/es de arte. Nesse sentido, esperamos contribuir para o debate sobre a literatura na escola, propondo uma abordagem que coloca a leitura literária - nesse caso, literatura de autoria negra - num espaço ampliado de escolha e uso por parte dos jovens. A mediação previu não apenas o acompanhamento em sala de aula ao longo dos semestres, mas também o diálogo interinstitucional, que se mostrou extremamente importante. Nesse sentido, Escola e Museu são complementares em seus papéis de mediadores culturais e educacionais voltados

para a mudança social da nossa sociedade, demonstrando o quanto é crucial colocar em evidência para as/os novos agentes sociais as contribuições políticas, culturais, artísticas e sociais das populações negroafricanas do passado.

Com relação à aplicabilidade desta atividade, muitas instituições museais estão aptas a receber propostas de exposições advindas da comunidade, de acordo com o recorte temático do projeto de leitura desenvolvido em sala de aula. Ainda que não disponham de recursos para a montagem expográfica, costumam ter equipamentos de outros eventos e expertise na produção, divulgação e manutenção do projeto; editais específicos também podem ser consultados para esse fim.

As limitações do estudo incluem a ausência de análise aprofundada das produções discentes, que traria o debate para a materialidade dos artefatos produzidos, e para as leituras individuais das obras sugeridas. Também entendemos que seria relevante trazer para este relato as falas dos estudantes, mas não houve tempo hábil para submeter os dados ao Comitê de ética. Esses desdobramentos podem ser explorados em uma segunda etapa do trabalho.

Destacamos que, desde o primeiro contato com a equipe do Museu, esse trabalho foi acolhido e construído de maneira dialogada, trazendo vivências que não havíamos imaginado nas etapas iniciais, mas que foram possíveis graças ao trabalho atencioso de funcionários/as, servidores/as, museólogos/as e equipe gestora da instituição.

Com essa equipe aprendemos que é preciso SANKOFAR. Compartilhamos com eles/elas, portanto, a (re)elaboração positiva das identidades étnicas do corpo de alunas/os, que puderam discutir coletivamente estratégias para a produção de uma crítica social que se insira nas pautas contemporâneas do bem viver e da mudança radical contra os discursos pautados pela violência, pela exacerbação do individualismo e pela lógica ultraliberal, que alimenta os xenofobismos/racismos ao redor do planeta.

Referências

ADICHE, C. N. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.



ARAÚJO, K.; SILVA, E.; FREITAS, V. Ler não tem fim: uma breve incursão por estratégias de leitura na sala de aula. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 38, p. 1-18, 2022. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982022000100156&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 27 ago. 2025.

BERND, Z. *Introdução à literatura negra*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988.

BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto Brasileiro de Museus. Museu da Abolição. *O Museu*. Recife: IBRAM, [2020]. Disponível em: <https://museudaabolicao.museus.gov.br/museu-da-abolicao/>. Acesso em: 27 ago. 2025.

BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto Pró-Livro. *Retratos da Leitura no Brasil*. 6. ed. Brasília, DF: Instituto Pró-Livro, 2024. Disponível em: https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2024/11/Apresentac%CC%A7a%CC%83o_Retratos_da_Leitura_2024_13-11_SITE.pdf. Acesso em: 27 ago. 2025.

CUTI, L. C. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.

DALCASTAGNÈ, R. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 31, p. 87–110, jan./jun. 2008. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9434>. Acesso em: 4 abr. 2024.

DALCASTAGNÈ, R. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 26, p. 13-71, jul./dez. 2005. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9077>. Acesso em: 4 abr. 2024.

FERREIRA, E.; VITORINO, C. Literatura negra, cultura e formação cidadã antirracista. *Revista Alembra*, Confresa, v. 3, n. 6, p. 32-50, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.cfs.ifmt.edu.br/periodicos/index.php/alembra/article/view/45>. Acesso em: 27 ago. 2024.

GABRIEL, R. de S.; BARBOSA, D. Em 2020, mercado editorial viveu 'boom' de autores negros, mas ainda falta diversificar cadeia de produção do livro. *O Globo*, São Paulo, 25 dez. 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/em-2020-mercado-editorial-viveu-boom-de-autores-negros-mas-ainda-falta-diversificar-cadeia-de-producao-do-livro-24811565>. Acesso em: 23 ago. 2025.

LIVROS no vestibular têm mais autores negros hoje, e USP é prova mais masculina. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 14 nov. 2023. Disponível em:

ARAÚJO, K.; SANTOS, E.; FALCÃO, G.
Pelos nossos olhos: uma experiência de leitura literária afrocentrada

<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2023/11/livros-no-vestibular-tem-mais-autores-negros-hoje-e-u-sp-e-prova-mais-masculina.shtml>. Acesso em: 23 ago. 2025.

RAAWIYA, A. Saia da escuridão: um guia Inicial para aprender de forma simples a verdadeira história africana. *Letraspretas*. [Rio de Janeiro], 31 maio 2022. Edição independente, 2021. Disponível em:
<https://letraspretas.com/2022/05/31/saindo-da-escuridao/>. Acesso em: 27 ago. 2025.

ROCHA, L. F. R. *A Implementação da Lei 10.639/2003 na rede federal de educação profissional, científica e tecnológica*. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2015.

VOLÓCHINOV, V.; BAKHTIN, M. Discurso na vida e discurso na arte. Trad. de Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza, para uso didático, com base na tradução inglesa de I. R. Titunik. *Freudism*. New York: Academic Press, 1976.

*Recebido em: 28 ago. 2025.
Aprovado em: 02 dez. 2025.*

*Revisor(a) de língua portuguesa: Vivian Campagnolli Bergantini Saviolli
Revisor(a) de língua inglesa: Juliano Brambilla Neri
Revisor(a) de língua espanhola: Milena Patrícia de Lima*

